



...ativa
...espírito
...ma)
...viver

...de?
...eu gos-

...doenças

...os órgãos

...ões, onde

...ção e ale-

...milar

...do (Házel)

CAPÍTULO V

Biografia sob forma de conto de fadas

Em nossos cursos biográficos avançados, costumamos dar aos participantes a tarefa de transformar a biografia em um conto de fadas. O objetivo é o desprendimento da emocionalidade em que o participante mergulha quando faz uma retrospectiva de sua vida. A transformação da biografia em grandes imagens, como as de um conto de fadas, ajuda a ter visão global da própria biografia e a perceber sua essência. Ajuda também a ver toda a *gestalt* de uma biografia. Ajuda especialmente as pessoas que fizeram anos de análise e têm certos conceitos e interpretações fixas sobre si mesmas, contribuindo no sentido de dissolver esta autoimagem.

Você não gostaria de tentar fazer isso com sua própria biografia?

Para tanto, eis um exemplo a seguir:

História de uma roseira

Era um belo jardim. Ali conviviam, na maior harmonia, margaridas, begônias, miosótis, petúnias, amores-perfeitos, além de arbustos e folhagens das mais variadas formas e matizes.

Foi no final do inverno, quando as plantas, acordadas de seu sono, prepararam-se para florir, que nasceu ali uma nova planta. Era uma roseira tão jovem que nem ela mesma sabia como seriam suas rosas. As folhinhas menores olharam a nova companheira com respeito e com um certo medo. É que, além do tronco forte, ela ainda possuía espinhos! A roseira, porém, tinha a fala tão branda que as plantinhas logo se achegaram a ela com simpatia. E a roseira, vendo aquele jardim tão belo, tão colorido, não quis fazer feio: esforçou-se o quanto pôde, até conseguir desdobrar as pétalas de seu primeiro botão e desabrochar numa linda rosa cor do sol da manhã.

Certo dia, estava ela ao sol, secando ainda as últimas gotas do orvalho da madrugada, quando apareceu ali uma borboleta azul.

— Ah, que bonitas rosas, tão perfumadas! Bem queria eu ter um perfume assim, mas não sou flor, sou borboleta. Em compensação, posso voar visitando jardins tão distantes daqui que uma roseira como você jamais verá.

Dito isto, a borboleta se foi, agitando delicadamente suas asas azuis. A roseira ficou a olhá-la, pensativa: "Que bom seria se eu tivesse asas e pudesse voar também; seria livre como a borboleta. Ao contrário, tenho raízes tão profundas que me deixam presa à terra, de tal sorte que nem ventos nem tempestades conseguem tirar-me daqui." E nesse dia a roseira ficou triste porque não tinha asas e tinha raízes.

Estava ainda pensativa quando a abelha apareceu, batendo suas asinhas em torno das rosas. "Que bichinho curioso", pensou a roseira.

— O que você quer de mim? — perguntou-lhe. — Admirar minhas rosas ou aspirar meu perfume?

— Nada disso — respondeu a abelhinha. — Saiba que eu sou muito trabalhadeira e não tenho tempo para essas coisas. Das flores, quero apenas o suco produzido em suas entranhas. Com ele nós, as abelhas, fabricamos mel, que é o sustento de toda a colmeia. — Assim dizendo, penetrou a corola das rosas, colheu seu néctar e se foi.

Dias depois, um sabiá riscou o espaço e veio pousar ao lado da roseira.

— Você é tão encantadora — disse. — Continue sempre assim, cuidando bem de seus ramos, suas rosas, seu perfume. Enfim, seja plenamente roseira.

— Mas há espinhos, de que eu não gosto. Depois, nem tenho asas, como as borboletas; só raízes, que me prendem ao chão.

— Os espinhos —, disse o sabiá — são sua defesa contra os usurpadores de suas rosas. Cuide bem deles também, que serão úteis na hora necessária. Quanto às borboletas, não tenha inveja delas; são mensageiras das flores, por isso precisam de asas. E agradeça pelas raízes. São elas que lhe trazem, das profundezas da terra, água fresca, quando o sol é escaldante a ponto de queimar florzinhas mais frágeis; trazem a fortaleza contra as geadas, mantêm você firme, ereta. Este é seu destino: estar sempre pronta, firme em seu lugar, como uma guardiã, um farol.

— Mas eu queria sair daqui, para conhecer o mundo e ser sábia.

— Sua sabedoria está aqui. O que sabe um passarinho dos segredos profundos da terra? Você sabe. Suas raízes vão lá no fundo

colher a seiva, que seu tronco transforma em lições de vida: ramos, folhas, espinhos e rosas. Você, sendo plenamente roseira, é mestra.

Dito isto, o passarinho se foi, deixando a roseira a cismar. Nisto ela ouviu um grasnar forte, grave, assustador: era o gavião.

— Você vive sonhando, como todas as roseiras! Não leve a sério o que aquele passarinho disse; ele é um folgado, só pensa em cantar. Nada do que ele disse é importante. Quem vive de rosas e perfumes? Mais vale a amoreira silvestre, que mata a fome aos pássaros, ou o arbusto frondoso, que dá sombra na tarde quente. Beleza, perfume, tudo são vaidades! É preciso ser útil, minha filha! Lutar muito, sofrer e até chorar, se for preciso para, um dia, conquistar a paz. Abandone esta vida, deixe de lado tanta preocupação com a roupagem de suas rosas. Aprenda a servir.

Naquela noite, a roseira nem dormiu direito. Ficou pensando em tudo o que ouvira. De manhã concluiu que, realmente, era uma roseira vaidosa e inútil. Resolveu olhar em torno. Era mesmo egoísta, pois nem havia notado as pequeninas plantas, tão frágeis, nascendo à sua volta, lutando com galhos, folhas e flores, desajeitadas que eram. Resolveu ser mestra. Vezes sem conta ensinou margaridas, violetas e miosótis a espalhar folhas, formar botões e desabrochar em pétalas. Falou de perfumes e da forma como espargi-los delicadamente. Contou das ervas daninhas que sufocam as plantas pequenas e não as deixam respirar. Estava segura de si, pensando, em seu íntimo, que aquele era seu jardim e ela, a senhora. Queria tudo correto, em seu tempo e lugar, sem quebra de equilíbrio. Na certeza de que era sábia e justa, sentia-se feliz.

O gavião, porém, ainda por perto ironizou:

— Que cômodo serviço você arranjou! Aconselhar plantinhas! Enquanto isso, do alto de sua vaidade, pensa que é rainha! Ser útil, minha filha, é sair de si e dar-se inteira aos outros. Olhando para você, que vejo eu? A mesma roseira pretensiosa, vaidosa de suas rosas. Veja ali que belo exemplo de abnegação: aquela ave criou bem todos os seus filhos. Agora cuida de um chupim, nascido de um ovo abandonado.

Realmente, ali vinha a mãe tico-tico, seguida por seu filho de criação, uma ave forte, maior que ela.

— Como vai? — perguntou a roseira.

— Não tenho tempo para pensar nisso, pois tenho muito trabalho. A vida é dura para quem é responsável, como eu. Ando muito

cansada; doem-me os pés de tanto ciscar a terra, as asas me pesam de voos continuados, os olhos já não veem bem de tanto procurar, das alturas, a fonte mais limpa, o fruto mais doce, a árvore mais sombria. Tive muitos filhos; todos aprenderam logo a voar, a cavar o sustento; vivem felizes por esses bosques e florestas. Este meu filho, porém, quanto trabalho me dá! Incapaz de se sustentar, vive ao meu redor, clamando fome, exigindo ajuda. Veja minha sina: velha, cansada e ainda trabalhando! — Dito isto, mãe e filho se foram.

O tempo passava e a roseira se sentia cada vez mais infeliz. Sempre que surgia a primavera, aparecia o gavião, a cobrar serviços: — Como é, ainda vaidosa e inútil? — Agora, no entanto, tudo estava pior. Parecia que todas as forças da Natureza conspiravam para nutrí-la do melhor. E suas raízes teimavam em estirar-se e aprofundar-se mais e mais na terra, colhendo nutrientes, conduzindo por seus canais a seiva até o tronco; este, aparentemente estático, trabalhava tudo em suas entranhas, alimentando e fortalecendo os galhos. O sol e a brisa traziam do espaço sua contribuição generosa. A qualquer momento os brotos iriam surgir, explodindo em botões, desabrochando em rosas. Era a sua perdição! No entanto, por mais que se esforçasse, ela não conseguia evitar a floração. Notou, então, a seu lado, uma plantinha nova, tão delicada que as folhinhas pareciam farpas de brinquedo. Foi-se erguendo de mansinho, se enroscando na estaca do lado, até que alcançou o tronco da roseira. Ali, a trepadeira encontrou apoio seguro, cresceu rapidamente, enroscando-se como podia nos seus galhos, lançando ramos novos, alçando-se cada vez mais para o alto. A princípio, a roseira sentiu-se incomodada. A sensação era estranha, a plantinha envolvendo-a, cobrindo seus espaços, estreitando-a cada vez mais.

— Você precisa de carinho e proteção — dizia a trepadeira. — É muito inocente, indefesa. Há tanta maldade por aí! De agora em diante vou estar aqui, vigilante. Não vou permitir que nenhum mal lhe aconteça.

"A Trepadeira tem razão", ela pensava. "O jardim anda cheio de perigos." Numa primavera — ela se lembrava bem — tentara fugir, inutilmente. Toda vez que ensaiava um novo ramo, vinha o pardal que lhe devorava o broto, um broto custoso, tanto tempo trabalhado para nada. Depois, foi a vez dos marimbondos: devoravam todos os botões, ainda fechados. Agora, ela nada mais temia. Ali estava a trepadeira, tomando conta de seus galhos, cobrindo-os e protegendo-os

contra os males da terra. É verdade que ela já nem tinha rosas, mas isso não era importante. Nessa primavera, a trepadeira floresceu sem parar, dando florzinhas vermelhas, como pequenas estrelas; formou uma copa bonita, compacta, que até projetava sombra. A roseira estava satisfeita consigo mesma. Finalmente, era útil. Graças a ela, a trepadeira podia florir e encantar. Todos admiravam tanto aquela trepadeira que já nem se lembravam de que ali existia uma roseira.

Um dia, um pássaro estranho foi pousar num galho do hibisco vermelho. A roseira mal o viu, toldada que estava pelo emaranhado da trepadeira. O pássaro, porém, curioso, foi-se aproximando, saltando de galho em galho, até que a descobriu. Examinou-a, calado, pensativo. Depois, perguntou:

— Quando irão desabrochar suas rosas? É primavera, tempo de as roseiras mostrarem cores e perfumes. Você não tem sequer um botão!

— Nada disto é importante; importa sair de mim mesma e me doar aos outros. Este é o caminho que me ensinaram para conquistar a paz. É o que faço, cedendo meus galhos à trepadeira. Veja como ela sabe se enfeitar! A glória da trepadeira é a minha vida.

— Importa que você seja plenamente o que é. Olhe em torno — quantas flores, arbustos, plantas rasteiras; só você, porém, é roseira. Uma roseira que deixou de bem cumprir a missão que a Natureza lhe confiou. Por isto, este jardim está incompleto. É preciso restabelecer sua harmonia.

— Que posso fazer? — perguntou ela, num sussurro.

— Lute, reconquiste seu espaço, seja plena!

Dito isto, o passarinho voou. E a roseira se pôs a meditar. Seria tão bom se pudesse florir novamente! Só assim seria feliz. No entanto, faltava-lhe coragem para dizer à trepadeira que não mais lhe tirasse as forças, que a deixasse viver. Ah, se a trepadeira compreendesse tudo isso por si mesma, se resolvesse, enfim, mudar-se dali! O tempo passava e a trepadeira exuberante, segura de si, mais e mais se fortalecia, mais ramos estendia em torno dos galhos da roseira, já cansados, sufocados. Era muito tarde para lutar, a roseira pensava. E foi perdendo, pouco a pouco, a vontade de viver. Seu gemido de pena, ninguém os ouvia, tão fracos estavam.

Numa tarde de verão, a tempestade apanhou, em pleno voo, um bando de andorinhas migratórias. Na falta de árvore frondosa, elas se

abrigaram naquele arbusto florido. As penas molhadas elas curvavam para secá-las como podiam, quando ouviram um lamento abafado:

— Que bom se alguém pudesse me ajudar!

As andorinhas se assustaram. Como?! Um arbusto tão saudável, pedindo socorro? Foi então que notaram aqueles espinhos fortes, arqueados. Eram de roseira!

— Que aconteceu com você? Por que está tão triste? — perguntaram.

— Eu queria florir, mas já não tenho forças.

— Estamos aqui para ajudá-la — disseram as andorinhas, prontamente.

— E a trepadeira, o que vai ser dela?

— Ela conta com suas próprias forças; há de aprender a usá-las bem.

Então as andorinhas se juntaram num trabalho paciente, cuidadoso, e, ramo por ramo, libertaram os galhos da roseira. Ela suspirou profundamente e adormeceu, pois estava muito cansada.

Separada da roseira, a trepadeira reclamava de sua sina, lutando por desenrolar seu emaranhado de ramos.

— Quer ajuda também? — perguntaram as andorinhas.

— Não! — foi a resposta, pois era uma trepadeira muito orgulhosa de seu poder. E as andorinhas se foram.

A roseira atravessou, dormindo, todo o outono. E sonhou com uma nova primavera, de sol, flores, borboletas e pássaros-cantores. E viu, em seu sonho, a trepadeira subindo por estacas de madeira nobre, estirando seus galhos cobertos de flores de estrelinhas. Então, já refeita, abriu seus olhos para a vida. Havia no ar sinais de fim de inverno. Era tempo de se aprontar para a floração.

Este conto foi escrito em novembro de 1984, por uma participante de curso biográfico. Na oportunidade ela tinha 54 anos. Nascida em Minas Gerais em 1930, numa família de muitos filhos, trabalhou alguns anos como professora e casou-se, desistindo da profissão. Dedicou-se totalmente à família (teve três filhos), abriu mão de si mesma e sacrificou-se por ela. O marido era o chefe da família e tomava todas as decisões. Em torno dos cinquenta anos ela teve uma amizade com outro homem e a manteve em sigilo até bem pouco tempo antes de sua morte. Morreu aos 61 anos de idade de câncer de estômago.